

Felipe Jovani Tavares Moreira

Param as máquinas, ecoam as vozes: A fábrica São Martinho e o processo de industrialização em Tatuí (1881-1970).

São Paulo, 2011

Felipe Jovani Tavares Moreira

Param as máquinas, ecoam as vozes: A fábrica São Martinho e o processo de industrialização em Tatuí (1881-1970).

Artigo para obtenção
do título de Especialista em
História, Sociedade e Cultura sob
orientação da
Prof.^a Me.Sandra Regina Colucci

São Paulo, 2011

Resumo

Neste trabalho se pretende estudar o processo de industrialização no interior de São Paulo, precisamente em Tatuí, entre 1881 e 1970. Considerando os impactos sociais e as possíveis permanências na sociedade do início do século XX e na cidade atual.

A industrialização tardia ocorrida no Brasil servirá de base principal para acompanharmos esse processo em conjunto com a tendência homogeneizante das cadeias de produção.

Como referência cultural foi citada a poesia Cururu, sendo ela um mecanismo do trabalhador rural observar o processo de alteração do seu espaço no transcorrer do tempo.

Já, para acompanhar o processo de transformação foram utilizadas fontes iconográficas, apontando tanto o antigo como o recente.

O atual desuso da área em que a fábrica funcionava nos permite uma importante reflexão sobre sua atual possibilidade de aproveitamento.

Abstract

This work intends to study the process of industrialization in São Paulo, Tatuí precisely, between 1881 and 1970. Considering the social impacts and possible stays in the society of the early twentieth century and the current city.

The late industrialization occurred in Brazil will serve as the primary basis to monitor this process in conjunction with the homogenizing trend of cadeis production.

Was cited as a cultural reference to poetry cururu she being a mechanism for rural workers to observe the process of changing its place in the course of time.

Already, to accompany the transformation process were used iconography pointing both the old and the new.

The current disuse of the area in which factory operated allows us to an important reflection on their current use possibility.

Índice de ilustrações

Figura 1 - Vista aérea da fábrica São Martinho	11
Figura 2 - Foto atual da vila dos operários.....	16
Figura 3 - Saída dos operários da fábrica (1908).....	17
Figura 4 - Foto recente da entrada da fábrica	18
Figura 5 - Casarão dos Guedes e fábrica São Martinho.....	20
Figura 6 - Foto recente da vila dos operários.....	21
Figura 7 - Parte interna da fábrica.....	21
Figura 8 - O casarão dos Guedes	23

Sumário

Resumo.....	3
Apresentação.....	7
Cap. 1 - Transformações urbanas em Tatuí.....	9
Cap. 2 - Imagens questionáveis.....	15
2. 1 Contraponto na mudança.....	22
Considerações finais.....	26
Bibliografia.....	27

Apresentação

Este trabalho confrontou múltiplas fontes (jornais e imagens) buscando mapear o processo de industrialização da cidade de Tatuí no início do século XX.

Utilizando ampla bibliografia no cruzamento com as diferentes fontes estabeleceu pontos de diálogo para pensar as problematizações da temática abordada, refletindo sobre a questão da multiplicidade e da diversidade das representações ali percebidas.

O desenvolvimento da industrialização no interior de São Paulo, nas proximidades da região de Sorocaba a “Manchester” paulista, esteve diretamente ligada a um projeto local para agregar valor ao algodão¹ explorado com ênfase em Tatuí e outras cidades da região.

Os investimentos dos agricultores da região e de investidores diversos² transformaram a paisagem urbana. A imposição da assimilação de um novo modo de trabalho entrou em contraste com a antiga tradição de mutirões caipiras de modo sensível.

A cidade, antes pacata, transformou-se. Os sinais de fábrica, fumaça, desempregados, grande movimento de pessoas, vila dos operários, máquinas, empresários políticos se enfrentando nos

1 - O processo de industrialização da região pode ser observado na obra *Memórias de Tatuí*, onde relata idealizações da burguesia tatuiana ascendente, com destaque para a família Guedes. DE CAMARGO, Renato Ferreira. *Memórias de Tatuí*. Editora: João Scortecchi. 1997

2 - Além da família Guedes, retratada em outras páginas do artigo, outros industriais migraram para a região visando explorar o rico cultivo de algodão, apontado no almanaque *Opúsculo* de 1926. Esse almanaque foi publicado na época em celebração aos 100 anos da cidade. Sendo hoje uma riquíssima fonte de pesquisa. TATUHYENSE CLUB. *Opúsculo.1926*

jornais³, teatros e clubes sendo fundados, carroças trocadas por automóveis, etc.

A revolução industrial apresentava-se ao interior de São Paulo.

3 - Algo característico nos primórdios da república brasileira pode ser observado, em diversos momentos, nos jornais *O progresso de Tatuí* em circulação nos 20 que confrontava o *Cidade de Tatuí*. O confronto entre diferentes grupos políticos, embora tivessem aspirações elitistas em comum, como devaneios parisienses e ideais conservadores, muitas vezes usavam dos jornais como palco para desenvolver longas discussões a respeito de políticas públicas, com destaque para o famoso caso do *Teatrão*, construído, derrubado e jamais inaugurado, local utilizado atualmente para usufruto de diversas lanchonetes.

Cap. 1 - Transformações urbanas em Tatuí

O dinamismo econômico patrocinado no Estado de São Paulo graças, entre outros motivos, à intensa migração de pessoas, primeiramente interessadas nos minérios do sul de Minas Gerais no século XVIII e posteriormente no lucrativo ciclo cafeeiro do século XIX, trouxeram algumas notáveis mudanças na organização das cidades interioranas. Muitas fazendas foram desenvolvidas para produzir café, com destaque para as localizadas no Vale do Paraíba (região entre o Rio de Janeiro e São Paulo) e áreas diversas do interior paulista.

Na contra mão da regra a cidade de Tatuí se destacava durante a segunda metade do século XIX como a maior produtora de algodão do Estado⁴ de São Paulo.

Atrelado a isso, Tatuí possuía um alto número de mão de obra imigrante livre, dada a proximidade geográfica da Capital, havia diversos focos de “terra roxa”⁵ (propícia para o cultivo agrícola de gêneros tropicais) e o empreendedorismo de alguns fazendeiros e empresários, a cidade conseguiu desenvolver um respeitável nível de industrialização durante grande parte do século XX.

A transformação de uma sociedade altamente rural num pólo de desenvolvimento é um tema recorrente, de certa maneira, na obra *Parceiros do Rio Bonito*⁶, nela o autor aponta a urbanização como um dos principais fatores transformadores da cultura caipira.

4-O relato de Oracy Gomes, presente no almanaque e a fundação da ainda funcional Estação Experimental de Tatuí comprovam a alta escala de produção algodoeira. GOMES, Oracy in:TATUHYENSE CLUB. Opúsculo.1926

5-O termo “terra roxa” merece uma observação à parte. No cotidiano, com observações pessoais notam-se muitos tatuianos se autodenominarem “pé vermeio” dada à coloração da terra. Todavia, o termo “*roxa*” deriva do italiano “*terra rossa*”, que, no italiano, significaria *terra vermelha*.

6 - CÂNDIDO, A. Os Parceiros do Rio Bonito. São Paulo: livraria Duas Cidades, 1982.

Muito da estrutura caipira; parceria entre os moradores do bairro, mutirão, festas religiosas, foi afetada com a urbanização. Para Cândido o caipira reagiu, grosso modo, de duas maneiras antagônicas: rejeitou as mudanças ou se adaptou.

Tatuí possui algumas peculiaridades a respeito destas transformações entre cidade e campo, o intenso cultivo de algodão facilitou o desenvolvimento de três grandes indústrias têxteis na cidade no final do século XIX e início do XX.

Sobre o crescimento urbano de Tatuí, um almanaque, distribuído na cidade durante do 1º centenário da mesma (1926), pelo Club Tatuhyense, ilustra bem o período de desenvolvimento em questão:

(..) A Martinho Guedes – português da velha tempera para quem um fio de barba era documento - devemos o primeiro impulso para o progresso, com a introdução da cultura algodoeira no município. A Argentina com uma produção annual dessa fibra, que mal chega a 120.000 kilos, já cogita de iniciar a sua industria, para se isentar em tal assunto da dependência estrangeira. Tatuhy produzia – só o seu município – mais de 600.000 arrobas e entretanto ficou no esquecimento (...) A Sorocabana, por fim, abriu-nos de vez as portas da civilização, poz-nos em contacto mais rápido com o resto do mundo. Desafogou-nos. Foi então que se desenvolveu a nossa lavoura, se incrementou o nosso commercio, veio a estupenda eclosão das nossas industrias. Manoel Guedes mostra-se o digno herdeiro do seu pae: este dá-nos o algodão; o filho, a sua industria. (...) faz de Tatuhy uma grande, immensa officina de trabalho.

Os Irmãos Campos levantam empreza modelar – a fabrica de tecidos Santa Cruz.⁷

Coletando os principais acontecimentos registrados, vários trechos do almanaque são ricos em informações vitais a respeito de como a industrialização era vista na época, notando que o almanaque foi publicado em 1926, um período posterior ao frutífero momento da indústria têxtil tatuiana, onde se registraram a abertura de três empresas têxteis, de chapéus e fósforo em curto período de tempo, 1880 a 1915.

Figura 1 - Vista aérea da fábrica São Martinho



Fonte: Arquivo pessoal

No Almanaque, o texto do professor Oracy Gomes identificava duas das principais indústrias que prosperaram na cidade: São Martinho (Fundada em 1881) e Campos Irmãos (1908),

7-GOMES, O. In: Opúsculo. Tatuí: Club Tatuhyense. P. 38-39

posteriormente no mesmo ano de publicação do almanaque - 1926 - iniciaram suas atividades a indústria Santa Izabel, todas traziam máquinas importadas da Inglaterra.

Todavia, a empolgação relacionada às indústrias tem sua razão, além da geração de emprego e conseqüente aumento de concentração de capital na cidade, a industrialização patrocinou o desenvolvimento estrutural do município. Os pontilhões foram mais bem projetados, as estradas rústicas foram refeitas, a estrada de ferro chegou (1889), e a cidade foi uma das primeiras a receber luz elétrica (1911) ⁸.

Culturalmente os impactos foram arrebatadores.

Foi criado o Teatro São Martinho, um dos primeiros, mais belos, luxuosos e bem instalados cinemas do interior do estado. Recebia constantemente conjuntos teatrais de São Paulo e às vezes até mesmo do exterior.⁹

Como dizem os registros citados, muito da cultura paulistana se desenvolveu na cidade de Tatuí, entre outros motivos, graças ao enriquecimento financeiro advindo da indústria. Além do teatro a cidade viu o surgimento de muitos músicos e escritores¹⁰. Muitos jornais municipais da década de 30 e 40 exaltavam o período de pujança cultural.

Todavia, nos mesmos jornais há raríssimas citações a respeito dos antigos costumes locais, pouca valorização do antiquíssimo sistema de parceria ou solidariedade caipira, sendo possível

8- DE CAMARGO, Renato Ferreira. Memórias de Tatuí. Editora: João Scortecci. 1997

9- O. Opúsculo. Tatuí: Club Tatuhyense. 1926. Sem editora

10 - Na literatura e na produção intelectual merecem destaque para Paulo Setubal, escritor e poeta e José Celso de Mello juiz do supremo tribunal federal.

imaginar que a pequena cidade só queria ser “grande”, queria ser europeia, queria “fazer fumaça”.

Esse conjunto de fatores, as rápidas transformações mundiais observadas no período entre Guerras (1914-1945), remetendo para nós um curto e arrebatador progresso industrial¹¹ está associado à reação do caipira em acordo com as elucubrações de Antonio Cândido; grosso modo, se submetendo ao novo sistema apresentado ou reagindo reforçando as suas velhas tradições.

Confirmando tal possibilidade, é possível identificar na cidade diversos focos de “resistência cultural”, tanto em Tatuí quanto nas áreas dos antigos distritos.

Mesmo o tropeiro, figura comum na cidade, grande responsável pelo surgimento do município e velho impulsionador econômico, tornou-se cada vez mais incomum, fato igualmente comum em outras regiões do país, maiormente, no caso de Tatuí devido à instalação da linha férrea sorocabana.

Junto ao progresso industrial a cidade teve contato com muitas culturas “exóticas”, era trivial a ida de jovens à capital para estudar, e o contrário; a vinda de técnicos, médicos, engenheiros, etc., da capital ou do exterior para trabalhar nas fábricas têxteis interioranas.

Dentro deste contexto, a respeito da aproximação entre operários e trabalhadores agrícolas no ambiente urbano, Cândido expõe a situação dessa forma:

11- Vale observar a atenção de Eric Hobsbawm para esse processo no livro Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. Seguindo a tônica mundial, as Guerras causaram a necessidade de uma maior produção industrial e a região em estudo não deixara de “usufruir” do momento histórico para aumentar a produção. HOBBSAWM, Eric J. Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991. Editora : Companhia das Letras, 2001

[...] o caipira não vive como antes em equilíbrio precário, segundo os recursos do meio imediato e de uma sociabilidade de grupos segregados; vive em franco desequilíbrio econômico, em face dos recursos que a técnica moderna possibilita. [...] O desenvolvimento da economia baseada na exportação dos gêneros tropicais acentuou a diferenciação dos níveis econômicos, que foram aos poucos gerando fortes distinções de classe e cultura. Quando este processo avultou, o caipira ficou humanamente separado do homem da cidade, vivendo cada um o seu tipo de vida. Mas em seguida, [...] graças aos recursos modernos de comunicação, ao aumento da densidade demográfica e à generalização das necessidades complementares acham-se frente a frente homens do campo e da cidade, sitiantes e fazendeiros, assalariados agrícolas e operários – bruscamente reaproximados no espaço geográfico e social, participando de um universo social que desvenda dolorosamente as discrepâncias econômicas e sociais.¹²

Neste trecho do livro de Cândido, fica clara uma situação onde se apresentam os focos de “resistências” culturais. A cidade crescia e se urbanizava como as grandes cidades industriais da época, porém, alguns caipiras mantiveram seus modos de vida. Dessa maneira, poderíamos afirmar que a característica da região envolve a proximidade geográfica de duas heterogêneas realidades culturais.

12 CÂNDIDO, A. Os Parceiros do Rio Bonito... p. 223.

Cap. 2 - Imagens questionáveis

A coleta de documentos como jornais escritos no período de atividade da fábrica (1881-1970) permite notar que o processo de construção das fábricas esteve associado ao interesse de proprietários de terra em dar escoamento mais lucrativo às colheitas de algodão da região de Tatuí e Itapetininga, área de maior produção deste gênero nos meados do século XIX¹³.

Jornais locais e escritores saudosistas costumam associar o “progresso” da cidade ao pioneirismo do empresário Manoel Guedes, devido sua iniciativa em construir a primeira fábrica de tecidos da América Latina em 1881.

Sobre os trabalhadores, a Vila dos operários foi construída e a morada sobrevive até a atualidade, médicos foram contratados para cuidar da saúde dos operários, incluindo o Dr. Emilio Ribas¹⁴.

13 ORSI, Gisele. ZANANI, Pedro Ernesto. MELLO, Vera Helena. *Indústrias Têxteis em Tatuí*. 2001.

14 - Dr. Emilio Ribas trabalhou em Tatuí, mas posteriormente ficou muito conhecido na capital paulista.

Figura 2 - Foto atual da vila dos operários



Fonte: Arquivo pessoal

Dentro da ótica dos trabalhadores, muito pode ser observado no campo cultural, sobre os possíveis impactos da industrialização abrupta numa região majoritariamente agrária, com muita influência da antiga cultura caipira, citada por Antônio Cândido¹⁵. Indubitavelmente, num choque simbólico dessa magnitude diversas perspectivas podem ser postas para análise com múltiplas possibilidades de reflexões.

15 - CÂNDIDO, A. Os Parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

Figura 3 - Saída dos operários da fábrica (1908)



Fonte: Arquivo pessoal

Entretanto, considerando o processo de produção, qualquer artifício de extração da mais-valia¹⁶ - termo muito associado ao teórico alemão Karl Marx – estaria presente na Fábrica São Martinho que alienaria funcionários, não diferindo de quaisquer outras fábricas européias, como as estudadas por Thompson¹⁷, apesar das especificações que apontamos acima, relativas ao choque com a cultura caipira. Embora os trabalhadores recebessem um relativo atendimento médico e apoio para estadia, dada a construção de uma vila dos operários, estudos relativos à estrutura trabalhista dos primeiros anos do século XX apontam que tal composição da fábrica não era mais do que um mecanismo usado para atrelar ainda mais o

16 - A mais valia faz referência ao lucro do patrão sobre o trabalho do operário por meio de uma troca injusta, o operário não receberia um pagamento compatível com aquilo que produz na visão marxista. MARX, Karl. O Capital. Editora Nova Cultural, 1996.

17 - THOMPSON, Edward Palmer. Formação da classe operária inglesa, A. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

operário à fábrica. Na obra *A cidade, a noite e o cronista*¹⁸, a autora aponta para a situação de envolvimento do operário ao trabalho, associando a histórica aversão à noite no transcorrer dos séculos e a constante valorização do trabalho compulsório após a Revolução Industrial inglesa.

Figura 4 - Foto recente da entrada da fábrica



Fonte: Arquivo pessoal

Todavia, o processo de industrialização de uma região majoritariamente rural torna-se curiosa, na medida em que observamos uma cisão simbólica na produção imaterial e material dos antigos caipiras com ideais de coletividade e solidariedade, que

18 - MATOS, Maria Izilda. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*, Bauru, EDUSC, 2007.

logo se defrontavam com o conceito de individualismo e a valorização do trabalho diligente, sendo que a acumulação desenfreada de lucro recorrente da crescente ideologia industrial que se iniciava no Brasil do século XX, a separação de trabalho e capital foi sensível. Durante muitos anos o processo de produção caipira limitou-se a uma produção basicamente de subsistência, com relações de trocas entre os moradores e, por vezes, com um pequeno comércio externo.

Na tentativa de compreender como uma fábrica, do porte da São Martinho, envolvendo um elevado número de funcionários se consolidou na região podemos especular que muitos trabalhadores vieram como imigrantes de outras regiões do país, já que toda a população urbana tatuiana na época, anos 30, mal chegava aos 5000 habitantes¹⁹.

19 - DE CAMARGO, Renato Ferreira. Memórias de Tatuí. Editora: João Scortecci. 1997

Figura 5 - Casarão dos Guedes e fábrica São Martinho.



Fonte: Arquivo pessoal

Todavia, ao tratar pesquisas com as indústrias de Tatuí no início do século XX, seria erro não considerar o grupo que mais participou da transformação, material e imaterial dos primeiros passos da industrialização paulista. Hoje pouco se sabe a respeito dos trabalhadores e as várias informações que detemos são abstratas, basicamente, temos relatos dos antigos proprietários e trabalhadores, todavia, poucos documentos bibliográficos.

Não é exagero afirmar que pouquíssimo foi trabalhado criticamente, a respeito desse processo de urbanização nos arredores da fábrica. As poucas especulações que temos são frutos de interpretações muitas vezes carregadas de emoções saudosistas, as quais exigem uma maior delicadeza na avaliação.

Figura 6 - Foto recente da vila dos operários



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 7 - Parte interna da fábrica



Fonte: Arquivo pessoal

Para falar de cultura caipira e movimentos operários algumas precauções precisam ser tomadas, dado à corriqueira associação do operário ao ambiente urbano, que neste caso nem sempre condiz com a realidade do indivíduo trabalhado.

2.1 Contraponto na mudança

Para problematizar a questão relativa às transformações das cidades interioranas no Estado de São Paulo é interessante ressaltar os trabalhos, já desenvolvidos, ligados à *belle époque caipira*²⁰. A urbanização das cidades médias recebe hoje certo destaque nas academias, embora muitas histórias locais ainda careçam de uma análise crítica.

No artigo *belle époque caipira*²¹ é notável a preocupação quanto à modernização das regiões cafeeiras e o surgimento das cidades.

A obra em questão logo aponta o direcionamento elitista ou a “modernização” tendo como base as relações de simpatia típicas do *homem cordial*²² de Sérgio Buarque de Holanda. Em sintonia com essas colocações, na cidade de Tatuí, publicações jornalísticas do início do século XX comprovam que tal apontamento é válido. (...)

20 - O artigo foi produzido dentro de um projeto temático dirigido por José Evaldo da UNESP (Franca), onde faz alusão à *belle époque* francesa, que devido ao processo de industrialização e acumulação de capital, originou um grande investimento no refinamento do estilo e incentivo à cultura erudita. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, Nº 53, 2007. Pag. 91-123.

21 - REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, Nº 53, 2007. Pag. 91-123.

22 - O conceito de homem cordial é retratado no livro de HOLANDA o autor define que a cordialidade brasileira estaria presente nas relações políticas e cotidianas, onde muitas vezes acima da frieza e da racionalidade da burocracia estatal o brasileiro opta pelas relações de parentesco ou de amizade para estabelecer acordos. HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil, Editora: José Olympio. 1991. CAP. 8

De modo geral, o imaginário de indústrias e da classe média interiorana refletiram muito a idealização de Paris, na cidade de Tatuí esse imaginário é sensível na arquitetura, nos teatros e nos adornos presentes no casarão dos Guedes (fig. 8). Não seria exagero identificar que o sonho de viver em Paris lembra a obra “*As travessuras da menina má*”²³, e ecoaram no interior paulista com intensidade entre as elites.

Figura 8 - O casarão dos Guedes



Fonte: Arquivo Pessoal

Buscando permanências meio às transformações do período de industrialização, recorreu-se a poesia (repente) do cururu.

Na cidade de Tatuí e na região do Médio Tietê, o cururu foi muito presente no início do século XX, e para facilitar seu

23 - LLOSA, José Mario Vargas. *Travesuras de la niña mala*. Argentina: Editora: Alfaguara, 2006.. A obra retrata um personagem em primeira pessoa que nasceu no Peru, mas tinha a constante idealização de viver em Paris.

entendimento, vale ressaltar brevemente a organização poética do mesmo.

Expresso, basicamente, como desafio, a poesia do caboclo era feita no improviso, todavia o mesmo deve obedecer algumas regras estruturais: tempo, ritmo e tipo de rima, de acordo com o tipo de desafio lançado.

A temática versada pode envolver religião, política, paixões, futebol e outros temas cotidianos. No entanto, sempre exige do canturião (o cantor) conhecimento em diferentes assuntos, improviso, além de talento musical.

No trecho abaixo, a letra de um canturião, Luizinho Rosa, faz alusão à história do Brasil antes de iniciar uma provocação ao outro canturião que havia cantado, Jonata Neto.

Este meu Brasil querido
é a terra que eu nasci
brasileiro tando unido
não deixa a bandeira cai
ainda tenha esperança
que o Brasil é uma criança
que já começou sorrir
1554 São Paulo pego surgi
Padre anchienta e padre nobre
muito vieram contribuir
fizeram um trabalho lindo
pra catequizar os índios
foi preciso aprevinir
um pequenino colégio
foi preciso construir
no vale Anhangabaú e no rio
tamandatuei quem ajudou colaborar
foi os índio Tibiriçá
e a tribo do caiubi,
Jonata neto canto pra de Ca

e pra dali tira casquinha
eu não vou nem eu vou te destruir.
Seu Jonata fica bravo faço a porca
torce o rabo (...)
La na tenda do José
eu bebia e ficava em pé
e o Jonata até cai.²⁴

Dessa maneira, cantando e rivalizando, diversos temas eram sentidos e transmitidos no cotidiano caipira. Com o decorrer dos anos, o novo sistema produtivo e as novidades da cultura externa outros elementos foram adicionados e permitiram mudanças nos antigos valores do caboclo.

Todavia, a cultura popular ainda permanece expressando como um eco os retratos de uma região transformada, reformada, porém, *viva* em lembranças. Expressão popular que enfrenta o processo de homogeneização sugerido pela indústria cultural²⁵, sobrevive de alguma maneira e segue descrevendo o trajeto caipira no interior do estado de São Paulo.

²⁴ OS REIS DO CURURU, Jodeart, São Paulo, Sem data.

²⁵ ADORNO, T.W. “Discurso sobre lírica e sociedade”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

Considerações finais

Ciente dos importantes aspectos abordados com relação às mudanças na paisagem física da cidade e, inclusive, nos hábitos e representações sociais num breve transcorrer de tempo. A defasagem contemporânea em estudos locais talvez justifique o atual abandono quanto à composição física da fábrica.

Pois, já é rotineiro ouvir alusões quanto a depredação da fábrica, uso da mesma para atos ilícitos, degradação de máquinas e furto de objetos diversos.

Quiçá essa e outras pesquisas contribuam para dar propriedade e valorizar as memórias que, se não houver intervenção, ruíram junto com a estrutura fabril.

Notamos, observando a estrutura e o histórico de sucesso na conservação de bens que a conversão dos prédios em locais de uso público: museu, escola, centro de integração, etc. Seria a melhor alternativa para o atual desuso do mesmo. Desse modo, cabe avultar atenção quanto às diversas possibilidades que o poder público poderia dar à estrutura já tombada como patrimônio histórico municipal e estadual²⁶.

²⁶ Registrado pelo CONDEPHAAT no Livro do Tombo Histórico: inscrição nº 358, p. 97, 12/03/2008

Bibliografia

- ADORNO, T.W. “Discurso sobre lírica e sociedade”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- AUXILIADORA, M. Guzzo. A vida fora do muro das fábricas: cotidiano operário 1920/1934. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- BURKE, Peter. A escrita da história. São Paulo: Editora UNESP, 1990
- CÂNDIDO, A. Os Parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.
- DE CAMARGO, Renato Ferreira. Achegas para a História Tatuense. Sem data.
- DE CAMARGO, Renato Ferreira. Memórias de Tatuí. Editora: João Scortecci. 1997
- HOBSBAWM, Eric J. Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991. Editora : Companhia das Letras, 2001
- HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil, Editora: José Olympio. 1991.
- LE GOFF, Jaques e NORA, Pierre. História: novas abordagens. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1998.
- LLOSA, José Mario Vargas. Travesuras de la niña mala. Editora: Alfaguara-Argentina, 2006.
- MATOS, Maria Izilda. Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho. Bauru, Edusc, 2002.
- MATOS, Maria Izilda. A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa, Bauru, EDUSC, 2007.
- MARX, Karl. O Capital. São Paulo. Editora Nova Cultural, 1996.
- ORSI, Gisele. ZANANI, Pedro Ernesto. MELLO, Vera Helena. Indústrias Têxteis em Tatuí. 2001
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, N° 53, 2007.
- PINSKY, Carla (Org.) Fontes históricas. 2008. Editora: Contexto
- PORTO, Affonso Guimarães. Almanach Tatuhyense 1900
- TATUHYENSE CLUB. Opúsculo.1926
- THOMPSON, Edward Palmer. Formação da classe operária inglesa, A. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

Jornal

O Progresso de Tatuí (1926/1960)

Fonte fonográfica

OS REIS DO CURURU, Jodeart Prod. Artísticas e Comércio LTDA, São Paulo. Sem data.